

# O Livro de Daniel - Número Cento e Setenta e Três

*As sombras do papado: desvendando a influência e as intenções por trás de "O Papa de Hitler"*

Jeff Pippenger

2024-04-03

No livro intitulado O Papa de Hitler, o autor John Cornwell inicia a história do futuro papa que reinou quando Hitler governava a Alemanha com seu avô e o Papa Pio IX, que foram expulsos da cidade de Roma. Quando Pio IX fugiu da cidade de Roma, disfarçado de freira, o único homem que levou consigo foi o avô do futuro papa. Cornwell aborda a estreita relação entre os dois homens e, em seguida, identifica como o pai do futuro papa também estava ligado ao centro de poder da Igreja Católica. Ao fazê-lo, ele identifica o ambiente social, político e religioso da história desde o tempo de Pio IX até a Segunda Guerra Mundial. Essa visão geral da história é tremendamente esclarecedora.

Foi dado mais um passo na pretensão papal quando, no século XI, o papa Gregório VII proclamou a perfeição da Igreja Romana. Entre as proposições que apresentou estava uma que declarava que a igreja nunca havia errado, nem jamais erraria, segundo as Escrituras. Mas as provas das Escrituras não acompanharam a afirmação. O altivo pontífice também reivindicou o poder de depor imperadores e declarou que nenhuma sentença por ele proferida poderia ser revogada por ninguém, mas que era sua prerrogativa revogar as decisões de todos os outros.

Uma ilustração marcante do caráter tirânico desse defensor da infalibilidade manifestou-se no tratamento dispensado ao imperador alemão, Henrique IV. Por ousar desrespeitar a autoridade do papa, esse monarca foi declarado excomungado e deposto. Aterrorizado pela deserção e pelas ameaças de seus próprios príncipes, que, por decreto papal, foram encorajados à rebelião contra ele, Henrique sentiu a necessidade de fazer as pazes com Roma. Acompanhado de sua esposa e de um servo fiel, atravessou os Alpes em pleno inverno, para humilhar-se diante do papa. Ao chegar ao castelo para onde Gregório se retirara, foi conduzido, sem seus guardas, a um pátio externo e ali, no rigor do inverno, de cabeça descoberta e pés descalços, e num traje miserável, aguardou a permissão do papa para apresentar-se à sua presença. Só depois de permanecer três dias em jejum e fazendo confissão é que o pontífice se dignou conceder-lhe perdão. Mesmo então, foi apenas com a condição de que o imperador aguardasse a sanção do papa antes de retomar as insígnias ou exercer o poder régio. E Gregório, exultante com seu triunfo, vangloriou-se de que era seu dever abater o orgulho dos reis. A Grande Controvérsia, 57.

Gregório VII foi um "defensor da infalibilidade", mas a afirmação ridícula só se tornou uma doutrina oficial (dogma) com Pio IX, que tornou essa afirmação tola uma doutrina estabelecida no Primeiro Concílio do Vaticano. A doutrina foi aprovada em 18 de julho de 1870, cento e cinquenta anos, no dia exato, antes da primeira decepção dos cento e quarenta e quatro mil.

O que é revelador na história é que, quando Pio IX convocou o Primeiro Concílio Vaticano e proclamou a doutrina da infalibilidade, sua motivação derivava de seu ódio ao chamado “modernismo”. Não se baseava na ideia de que um papa não pudesse cometer erros ao definir doutrinas bíblicas; era uma defesa da oposição papal à influência que havia sido produzida pela Revolução Francesa. Dirigia-se contra aquilo que acabaria sendo conhecido como o comunismo.

A Revolução Francesa provocou uma reviravolta na estrutura de governo das nações europeias, com um ódio particular pela monarquia que é o papado. Uma revolta republicana italiana havia expulsado temporariamente Pio IX e seu braço direito de Roma. O “modernismo”, que era representado pelas várias filosofias que foram produzidas pela Revolução Francesa, era o arqui-inimigo de Pio IX, e sua doutrina da infalibilidade foi concebida para sustentar todas as afirmações que o papa fazia contra as ideias modernistas que foram produzidas pela Revolução Francesa.

Daniel capítulo onze, versículo quarenta identifica que em 1798, o rei do sul (França ateísta) infligiu a ferida mortal ao rei do norte (o papado).

A doutrina da infalibilidade de Pio IX estava ligada à guerra representada pelo versículo quarenta de Daniel onze, e, da última parte de 1869 até o ano seguinte, Pio IX convocou o primeiro Concílio do Vaticano, conhecido como Vaticano I, com o propósito de confirmar que o papa era a cabeça do catolicismo, e que o catolicismo era a cabeça de todas as igrejas, conforme havia sido proclamado pelo decreto de Justiniano no ano 533.

O Segundo Concílio do Vaticano, também conhecido como Vaticano II, foi realizado de 1962 a 1965. Foi um marco na história da Igreja Católica e um dos concílios ecumênicos mais significativos dos tempos modernos. O concílio foi convocado sob a liderança do Papa João XXIII e continuou durante o pontificado do Papa Paulo VI após a morte de João XXIII em 1963. É importante reconhecer a diferença clara entre esses dois concílios.

O primeiro concílio destinava-se a estabelecer o que se chama a “primazia” do papa, significando que o papa é o supremo governante, mestre e pastor da Igreja, responsável por preservar e interpretar as doutrinas da fé. Sua autoridade consistia em definir dogmas, emitir decretos doutrinários e fazer pronunciamentos autorizados em matérias de fé e moral, conhecidos como infalibilidade papal. Ela inclui a autoridade jurisdicional do papa sobre a Igreja universal, incluindo o poder de nomear bispos, regular os sacramentos e governar a administração da Igreja.

O segundo concílio tinha como objetivo orientar a Igreja no sentido de se tornar uma entidade ecumênica. Os concílios eram propostas diretamente opostas. O primeiro concílio, conservador, foi contradito pelo segundo concílio, liberal. Essas duas facções eram tão diferentes quanto a noite e o dia, e a profecia que é atribuída aos três segredos de Fátima identifica uma guerra interna devidamente representada por esses dois concílios.

A profecia identifica uma classe que defende a primazia representada por Pio IX, representada pelo que é chamado de "papa branco", "papa bom" ou "bispo bom", e a outra classe, associada ao Concílio Vaticano II, é representada pelo "papa negro", pelo "papa mau" ou pelo "bispo mau". A

controvérsia dos dois conceitos políticos é representada quando se visita o santuário do milagre de Fátima, em Fátima, Portugal. Ao entrar, o caminho fica entre uma estátua de um papa negro de um lado e outra de um papa branco do outro.

Assim, torna-se parte da herança do homem que acabaria por se tornar o que o livro identifica como o papa de Hitler, o fato de que suas raízes estão entrelaçadas na luta entre o modernismo (o rei do sul) e a primazia papal (o rei do norte).

Deve-se compreender que o autor do livro que estamos considerando era um católico em plena comunhão com a Igreja, e que seu propósito declarado ao escrever o livro era lançar luz sobre a acusação de que o papa que reinou durante a Segunda Guerra Mundial teria apoiado Hitler, os nazistas, ou teria tido alguma culpa no holocausto contra os judeus e outros. Quando Cornwell trata do avô de Pio XII, que foi o braço direito que ordenou o Concílio Vaticano I, a história da luta entre os reis do sul e do norte está sendo representada nessa mesma história. Quando a revolução do “Republicanismo” alcançou a Itália, por cerca de um ano os italianos expulsaram Pio IX da cidade de Roma, e desde então, mesmo depois de ele ter retornado, tudo o que o papado jamais possuiu foram os cento e dez acres conhecidos como Cidade do Vaticano.

A única maneira pela qual ele pôde sequer regressar ao Vaticano foi com a ajuda das tropas francesas e com um empréstimo dos Rothschilds, os infames banqueiros judeus. Para compreender com inteligência a cumplicidade papal no holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, é necessário algum entendimento básico da atitude da Europa para com os judeus desde a crucificação de Cristo. O livro sugere que antissemitismo e racismo são duas atitudes diferentes, afirmando que o ódio de Hitler aos judeus era racista, pois Hitler via os judeus como uma categoria inferior de seres humanos, ao passo que o antissemitismo era o ódio aos judeus porque mataram Deus. Quer sejam uma e a mesma coisa, quer haja de fato uma distinção entre ambos, a realidade da situação dos judeus merece ser compreendida.

Por exemplo, na América de hoje, se a palavra “gueto” é usada, a maioria pensa que se trata da definição da parte pobre e degradada da cidade. Mas o termo “gueto”, originalmente, referia-se a uma seção de uma cidade, especialmente em Veneza, Itália, onde os judeus eram compelidos a viver durante a Idade Média. O primeiro gueto foi estabelecido em Veneza em 1516, quando a República de Veneza confinou os judeus a uma área designada da cidade conhecida como “geto nuovo” (nova fundição), que acabou ficando conhecida como o gueto.

Na Europa, ao longo da Idade Média, os judeus sofriam restrições quanto aos lugares onde podiam viver e também quanto às profissões que lhes era permitido exercer. As restrições baseavam-se na antiga definição de antissemitismo, que se referia à crença de que os judeus haviam matado Deus e de que todos os seus problemas subsequentes haviam sido trazidos sobre si mesmos por suas próprias ações.

Na Idade Média, era uma tradição estabelecida que os cristãos não podiam emprestar dinheiro nem aceitar juros por um empréstimo. Os judeus estavam isentos dessa restrição, e o empréstimo de dinheiro tornou-se uma das profissões que lhes era permitido exercer. Os banqueiros judeus, como a família Rothschild, eram cambistas em resposta às restrições legais quanto às profissões que lhes

era permitido exercer. Quando Pio IX necessitou de fundos para retornar ao Vaticano, a frustração de não mais governar a cidade de Roma foi intensificada pela necessidade de recorrer aos judeus em busca de dinheiro.

Antes de ser expulso de Roma, Pio IX parecia situar-se em um de dois campos no tocante aos judeus e à relação da Igreja com os judeus. Os dois campos consistiam naqueles que criam que os judeus, acontecesse o que lhes acontecesse, estavam simplesmente recebendo o que mereciam, e o outro tendia a demonstrar um pouco de misericórdia para com os judeus. Quando Pio IX retornou ao Vaticano, depois de ter sido expulso, a misericórdia que por vezes havia manifestado antes de seu exílio nunca mais se manifestou. Antes de seu exílio, ele havia fechado o gueto na cidade de Roma e, após seu retorno, restabeleceu o gueto e começou a impor uma tributação sobre os judeus a fim de recompor suas perdas financeiras.

O braço direito do papa Pio IX era Marcantonio Pacelli, o avô do papa de Hitler. Ele era um advogado que pertencia a uma classe especial de advogados que apoiavam o papado. Seu filho passou a fazer parte dessa mesma classe de elite de advogados, assim como seu neto, que acabaria se tornando o papa de Hitler. Depois que o livro percorre a história do avô de Eugenio Pacelli, de seu pai e de sua juventude e formação, aborda o cargo que Pacelli assumiu ao começar seu trabalho para o papado. Como advogado, descendente dos advogados papais de elite, foi escolhido para chefiar um departamento especializado em contratos, chamados “concordats”. Em 1901, Pacelli foi admitido no gabinete da Secretaria de Estado Papal.

Pacelli tornou-se o enviado às nações. Profeticamente, Pacelli tornou-se o ponto de contato jurídico que consumou a fornicação dos reis da terra com o papado. Em 1903, Pio X foi coroado papa. Imediatamente, ele começou a atacar o “veneno intelectual” que produzia “relativismo e ceticismo”. O homem que comandou o esforço de Pio X para erradicar o “modernismo” foi Umberto Benigni, que trabalhava no mesmo gabinete que Pacelli. Benigni afirmou certa vez, a respeito de um grupo de historiadores de renome mundial, que eram homens para os quais “a história não é nada além de uma contínua e desesperada tentativa de vomitar. Para esse tipo de ser humano há apenas um remédio: a Inquisição!” Para Benigni, um historiador que expressasse qualquer simpatia pelas ideias oriundas da Revolução Francesa deveria ser executado.

Oficialmente, Benigni chefiava o ministério de propaganda do papado, mas, extraoficialmente, também dirigia uma rede clandestina de espionagem, destinada a identificar quaisquer católicos que tivessem alguma simpatia pelo “modernismo”, que havia se originado com o rei do sul. Por fim, em 1910, seu trabalho resultou numa diretiva que obrigava os funcionários do papado a prestar um juramento, chamado Juramento Antimodernista. Ele ainda está em vigor. Para ser empregado pelo Vaticano, é preciso jurar ódio às ideias modernistas, que hoje chamaríamos de ideias comunistas.

No resumo do livro de Cronwell, na folha de guarda afirma-se: “Na primeira década do século, como um brilhante jovem advogado do Vaticano, Pacelli ajudou a moldar uma ideologia de poder papal sem precedentes; durante a década de 1920, lançou mão de astúcia e chantagem para impor seu poder na Alemanha. Em 1933, Hitler tornou-se seu parceiro de negociação perfeito e foi

estabelecida uma concordata que concedia vantagens religiosas e educacionais à Igreja Católica em troca da retirada católica da ação social e política. Essa 'voluntária' abdicação do catolicismo político, imposta a partir de Roma, facilitou a ascensão do nazismo."

Em uma reunião de gabinete em 14 de julho de 1933, Adolph Hitler expressou sua opinião de que, naquele mesmo mês, a concordância fabricada por Pacelli com os nazistas criou para a Alemanha "uma área de confiança.... Na luta em desenvolvimento contra a judiaria internacional."

O livro de Cornwell não foi bem recebido pelos católicos que se recusaram a aceitar as evidências de que Pacelli foi a principal razão pela qual Hitler pôde ascender ao poder, pois a Alemanha era majoritariamente católica. Pacelli havia firmado um acordo que impedia a editora católica, as agências católicas de notícias e as escolas católicas de dizer qualquer coisa sobre o rumo de Hitler a partir de 1933. O livro traça a evidente inclinação antisemita de Pacelli, que depois se tornou papa durante a Segunda Guerra Mundial. Pelo menos três pontos podem ser estabelecidos com base em fontes históricas muito confiáveis a partir do livro.

A primeira é a guerra do rei do Norte e do rei do Sul, conforme representada em Daniel capítulo onze. Nessa guerra, os inimigos são o catolicismo contra o ateísmo, o papa contra o comunismo. O outro ponto é que o papa empregou o nazismo como seu exército por procuração contra o ateísmo durante a Segunda Guerra Mundial, assim como o papa empregou o protestantismo apóstata em 1989, como seu exército por procuração contra o ateísmo da URSS. O livro também identifica a estrutura profética interna e externa representada pelas mensagens satânicas que procederam do milagre de Fátima.

A guerra fronteira de Ráfia, representada nos versículos onze e doze de Daniel onze, representa a guerra da fronteira que atualmente se desenrola na Ucrânia. A guerra antiga foi uma guerra quente; a segunda é a segunda guerra por procuração, com os exércitos por procuração envolvidos em interação mortal. Ráfia identifica a guerra da fronteira como sendo entre o rei do norte e o rei do sul, mas a profecia ensina que, até a lei dominical prestes a chegar, a prostituta de Tiro é esquecida, Jezabel está em Samaria, e Herodias faltou à festa de aniversário de Herodes. Essas três testemunhas acerca do papel do rei do norte nesta história atual são que ela está nos bastidores, movendo os cordéis. As guerras quentes, guerras por procuração e guerras frias que acontecem enquanto ela está esquecida são realizadas por seus exércitos por procuração.

A Rússia é o rei do sul, e está agora envolvida em uma guerra de fronteira que está sendo financiada pelos globalistas do mundo ocidental, principalmente pelos democratas progressistas e pelos republicanos RINO (Republican In Name Only) nos Estados Unidos. Quando os Estados Unidos são representados, no versículo quarenta de Daniel onze, como o exército por procuração do rei do norte, suas duas características proféticas são poderio militar e poder financeiro. Os Estados Unidos estão realizando na Ucrânia a mesma obra que realizaram em 1989, ajudando o Papa contra a Rússia, e o exército por procuração em terra, que defende a Ucrânia, está tão cheio de apoiadores nazistas que até mesmo a mídia dominante não o pode negar. Roma está agora usando os mesmos exércitos por procuração que usou na guerra quente que foi a Segunda Guerra Mundial, e em 1989, para guerrear contra a Rússia. Leia o livro: O Papa de Hitler, a História

Secreta de Pio XII.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

De modo semelhante, quando Deus estava prestes a revelar ao amado João a história da igreja para as futuras eras, deu-lhe a certeza do interesse e do cuidado do Salvador por Seu povo, revelando-lhe “Um semelhante ao Filho do homem”, que andava entre os castiçais, os quais simbolizavam as sete igrejas. Enquanto a João eram mostrados os últimos grandes conflitos da igreja com os poderes terrenos, também lhe foi permitido contemplar a vitória final e a libertação dos fiéis. Viu a igreja levada a um conflito mortal com a besta e sua imagem, e a adoração dessa besta imposta sob pena de morte. Mas, olhando além da fumaça e do estrondo da batalha, contemplou um grupo sobre o Monte Sião com o Cordeiro, que, em vez da marca da besta, tinha o “nome do Pai escrito em suas testas”. E novamente viu “os que obtiveram a vitória sobre a besta, e sobre a sua imagem, e sobre a sua marca, e sobre o número do seu nome, de pé sobre o mar de vidro, tendo as harpas de Deus” e cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro.

Essas lições são para o nosso benefício. Precisamos firmar nossa fé em Deus, pois há, bem diante de nós, um tempo que provará as almas dos homens. Cristo, no Monte das Oliveiras, descreveu os terríveis juízos que haviam de preceder a Sua segunda vinda: "Ouvireis falar de guerras e rumores de guerras." "Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; e haverá fomes, pestilências e terremotos em diversos lugares. Todas estas coisas são o princípio das dores." Embora essas profecias tenham recebido um cumprimento parcial na destruição de Jerusalém, elas têm uma aplicação mais direta aos últimos dias.

Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. A profecia está se cumprindo rapidamente. O Senhor está às portas. Em breve se abrirá diante de nós um período de profundo interesse para todos os que vivem. As controvérsias do passado serão reavivadas; novas controvérsias surgirão. As cenas que hão de ocorrer em nosso mundo ainda nem sequer foram imaginadas. Satanás está atuando por meio de agências humanas. Os que se esforçam por mudar a Constituição e garantir uma lei que imponha a observância do domingo mal percebem qual será o resultado. Uma crise está iminente.

"Mas os servos de Deus não devem confiar em si mesmos nesta grande emergência. Nas visões dadas a Isaías, a Ezequiel e a João, vemos quão intimamente o céu está ligado aos acontecimentos que ocorrem na terra e quão grande é o cuidado de Deus para com os que Lhe são leais. O mundo não está sem um governante. O programa dos acontecimentos vindouros está nas mãos do Senhor. A Majestade do Céu tem o destino das nações, assim como os assuntos de Sua igreja, a Seu cargo." Testemunhos, volume 5, 752, 753.